

AS RESSIGNIFICAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS CORPOS VESTIDOS NO *BAILE DA MELHOR IDADE DO PARQUE DA ÁGUA BRANCA*

The identity re-significance of the dressed bodies at the Baile da Melhor Idade in Água Branca Park

Motta, Sintya de Paula Jorge; Mestra em Comunicação e Semiótica; PUC-SP, sintyamotta@uol.com.br¹
Oliveira, Ana Cláudia Mei Alves de; Doutora em Comunicação e Semiótica; PUC-SP, anaclaudiamei@hotmail.com²

Grupo de Pesquisa CNPq-COS “Inovação e convergências tecnológicas em tempos de hipermídia: perspectivas da produção de conhecimento nos processos comunicacionais”

Resumo: O artigo analisa, a partir da sociosemiótica e dos estudos da plasticidade, a ressignificação identitária dos corpos vestidos no *Baile da Melhor Idade* no Parque da Água Branca, em São Paulo, assim como os regimes de interação, sentido e risco experienciados pelos sujeitos. Foi possível observar que os frequentadores, fora do baile segregados, podem, durante o evento, tornar-se destinadores de si e, com essa atuação, constroem sentidos na interação com os outros por meio da vestimenta e da socialização que o evento proporciona.

Palavras-chave: *Baile da Melhor Idade*; corpos vestidos; sociosemiótica.

Abstract: The article analyzes, based on social semiotics and plasticity studies, the identity re-signification of the dressed bodies at the *Baile da Melhor Idade* in Água Branca Park, São Paulo, as well as the regimes of interaction, meaning and risk experienced by the subjects. It was observed that attendees, who are segregated outside the ball, can become recipients of themselves during the event and, therefore, construct meanings in interaction with others through clothing and the socialization that the event provides.

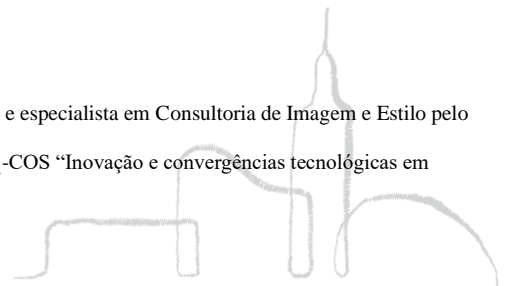
Keywords: *Baile da Melhor Idade*; dressed bodies; social semiotics.

Introdução

No coração da Zona Oeste de São Paulo, dezenas de “senhores e senhoras” se reúnem com seus *looks* caprichados e uma disposição admirável. Trata-se do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, localizado no bairro da Água Branca (parte do distrito da Barra Funda), que três vezes na semana possibilita e convida, com exclusividade, o encontro de um público mais maduro — ali a entrada é permitida apenas para “maiores de 50 anos”. Mesmo entre as diversas atividades oferecidas na programação deste prestigiado parque da capital paulista (como área para ginástica e ioga, exposições de arte e aulas de equitação), é a animada pista de dança com música ao vivo que atrai e se destaca aos olhos desses frequentadores, que se dirigem ao evento voluntariamente para confraternizar, dançar e interagir entre si.

¹ Mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (bolsista pelo CNPq) e especialista em Consultoria de Imagem e Estilo pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

² Professora titular na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e coordenadora do Projeto Temático CNPq-COS “Inovação e convergências tecnológicas em tempos de hipermídia: perspectivas da produção de conhecimento nos processos comunicacionais”.



Tendo em vista o atrativo evento feito para esse público, que se torna o seu frequentador costumeiro, o problema que este estudo busca responder é: como a identidade dos idosos expressa-se por meio dos corpos vestidos e como as interações entre corpo e roupa com suas posturas — cinetismo — fazem ser esse sujeito que se liberta das amarras preconceituosas de uma aparência ditada pelo social? Em que medida essa opção é um percurso do sujeito para tornar-se destinador de si? A partir da diversidade dos corpos vestidos identificados no baile, os objetivos são analisar, à luz da sociosemiótica e dos estudos da plasticidade, as reiteraões que nos permitem chegar a uma tipologia das relações entre corpo e roupa. Ainda, objetiva-se tratar como os corpos vestidos segmentam grupos no interior do baile, os quais se constituem a partir da homologação entre os regimes de interação, sentido e risco expressos pelos arranjos vestimentares dos frequentadores durante o evento.

De modo a identificar como a diversidade em relação aos corpos vestidos pode acontecer, algumas hipóteses serão testadas nas análises semióticas ancoradas na sociosemiótica, sendo elas as de que: i) apesar do controle prescritivo da aparência e dos modos de agir, os idosos subvertem essa lógica; ii) o hábito da frequência contribui para que essa pessoa se torne um sujeito de vontade que muitas vezes se veste no recinto do ambiente do baile, mostrando como assume uma outra configuração de si no mundo do baile; iii) a possibilidade de reinventar suas próprias roupas participa na manutenção das habilidades antigas e a criatividade aguça o querer ser do sujeito; e iv) ao usarem roupas fora do convencional, os idosos colocam sua assinatura no seu dar-se visibilidade e, assim, reforçam sua existência no mundo.

Buscou-se delimitar o *corpus* de maneira a constituir um recorte que fosse ao mesmo tempo econômico e representativo do objeto de estudo, nos moldes do que postula a teoria semiótica. Para isso, estabeleceu-se como objetivo a observação de 20 edições do baile, nas quais as principais impressões foram registradas em um diário de bordo da investigação. Para apoiar as análises, foi constituído um conjunto de fotografias registradas nessas visitas técnicas, além de vídeos gravados nos mesmos eventos. Durante as visitas, conversou-se com frequentadores e organizadores e foram tomadas notas dessas conversas no diário. Em seguida, as fotografias passaram por um processo de curadoria (em que foram eliminadas fotos duplicadas ou desfocadas), assim como foram escolhidas as melhores fotos para contemplar as análises da pesquisa.

O principal aporte teórico-metodológico da investigação advém das contribuições da semiótica discursiva de Algirdas J. Greimas, dos desdobramentos sociosemióticos de Eric Landowski sobre os modos de presença no social, os mecanismos de formação identitária a partir dos jogos de sua visibilidade e os regimes de interação, sentido e risco, assim como o estudo da plasticidade desenvolvido por Jean-Marie Floch e complementado por Ana Cláudia de Oliveira, além das pesquisas de Rachel Loiola sobre o vestir-se na velhice.



O Parque da Água Branca e o *Baile da Melhor Idade*

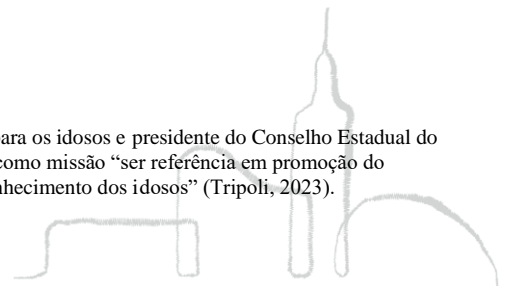
Sob o nome oficial de “Parque Doutor Fernando Costa”, em homenagem ao então Secretário de Agricultura que o fundou em 1929, o local ficou popularmente conhecido por “Parque da Água Branca” em razão do bairro em que está localizado. Ao longo de sua história, em 1996 o parque foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) como patrimônio cultural, histórico, arquitetônico, turístico, tecnológico e paisagístico (Magalhães, 2021) e, mais recentemente, em 2022 teve sua administração concedida à iniciativa privada. Toda a região é de fácil acesso tanto por transporte público (em função da proximidade do Terminal Barra Funda — há linhas de metrô, trem e ônibus que transportam passageiros até a região) quanto privado.

Ao longo de seus 137 mil metros quadrados totais, o parque conta com uma infraestrutura apropriada para a prática de corrida, caminhada e ioga, espaços para equitação/equoterapia, ginástica, dança, leitura e piquenique, além da Praça do Idoso. Outras atrações são o lago de peixes, as construções tombadas como patrimônio histórico, as feiras de artesanato e feiras orgânicas, enquanto se pode preencher a visita também com atividades de educação ambiental, observação de aves, escotismo, contemplação da natureza, visitas à Casa do Caboclo e também o *Baile da Melhor Idade*, que atrai centenas de idosos semanalmente às terças e quintas-feiras e aos sábados, das 13:00 às 17:00 horas, e é promovido desde 1995 pelo Instituto da Melhor Idade Estação Vida³.

Para entrar no baile, existe uma triagem que é feita por uma senhora que recepciona os frequentadores. Ainda que a participação seja gratuita, é observado um conjunto de prescrições que devem ser seguidas para adentrar o *Baile da Melhor Idade*, como ter mais de 50 anos de idade e estar vestido de acordo com as regras estabelecidas pelos organizadores: homens e mulheres não podem usar tênis — apenas sapatos para homens e sapatos ou sandálias para mulheres; não é permitido o uso de camisas de times de futebol; e as mulheres não podem usar saias curtas. Além disso, um determinado conjunto de modos de se portar no social também deve ser obedecido: não se pode adentrar o baile com bebidas alcoólicas, não se pode entrar em um estado alterado motivado pelo álcool (ou por drogas ilícitas), e não são permitidos beijos e carícias entre frequentadores.

Através das normas e dos regulamentos do *Baile da Melhor Idade*, busca-se uma programação a ser seguida pelos frequentadores. A programação é governada por uma regularidade em que se faz o que se é esperado, portanto não há qualquer risco de descumprimento das normas. Esse regime “traduz uma visão de mundo

³ Fundado há quase 30 anos pelo falecido Ricardo de Alvarenga Tripoli, militante a favor de políticas públicas para os idosos e presidente do Conselho Estadual do Idoso de 2004 a 2006, o Instituto é hoje administrado pela viúva de Tripoli e um dos filhos do casal, mantendo como missão “ser referência em promoção do envelhecimento ativo e saudável, contribuindo para uma sociedade inclusiva e valorizadora da experiência e conhecimento dos idosos” (Tripoli, 2023).



essencialmente determinista: visão filosoficamente rudimentar, sem dúvida [...]”, conforme define Landowski (2014, p. 15).

Após terem o acesso liberado, os frequentadores têm a opção de fazer uma contribuição espontânea em uma caixa de madeira para a entidade mantenedora a fim de ajudar na manutenção do espaço no qual o evento é realizado. Feito isso, seguindo em frente, eles podem, a partir da cobrança de uma pequena quantia, deixar suas bolsas e demais pertences na chapelaria, que é um espaço destinado para guardar objetos e está situado do lado esquerdo do salão. Pela popularidade do baile, que recebe centenas de pessoas, há sempre uma fila para entregar suas coisas (ou para retirá-las, se for a hora de encerramento do baile). Do lado direito, há toaletes masculinos e femininos.

A configuração da planta possibilita a interação entre quem está sentado e quem está dançando por não existirem mesas e cadeiras entre eles, o que lembra uma expressão utilizada no teatro: a “quebra da quarta parede” (Brecht, 1967), que é uma parede imaginária, que separa os atores da plateia — quando ela é quebrada (o que não acontece com frequência), as personagens da peça passam a interagir diretamente com o público. Assim, diversidades são admitidas e convidadas a participar do baile. Na admissão, as diferentes formas de alteridades se tornam parte integrante e aceita do todo (os frequentadores do baile), um elemento que também forma o “Nós”, que são aqueles que estão bailando, sem precisar abrir mão de sua própria identidade para que isso ocorra.

A dinâmica do baile oferece, portanto, mais do que criar oportunidades para que um acidente aconteça, como um idoso esbarrar no outro ou sofrer um mal-estar súbito. Esses acidentes, cujos acontecimentos acabam por escapar de possíveis determinações, são eventos imprevisíveis, que podem ocasionar efeitos de sentido também impossíveis de se prever e que, portanto, podem potencialmente nos levar a uma situação tão inesperada quanto absurda (Landowski, 2014).

De outra forma, o *Baile da Melhor Idade* oferece uma miríade de momentos nos quais as pessoas se conhecem, dançam, celebram a vida e, assim, constroem sentidos para essa experiência, que é sobretudo um encontro de partilha com os outros, com os seus iguais. Essas interações acontecem de forma intencional, quando o sujeito busca chamar atenção para si e, assim, motivar quem está assistindo a juntar-se a ele na dança, o que caracteriza a estratégia. Nesse regime, segundo Landowski (2014), busca-se, por meio da persuasão, motivar o outro a agir de uma certa maneira. Ocorrem também, com muita intensidade, interações nas quais os sujeitos se relacionam por meio do regime do ajustamento, com todos os riscos que o colocar-se em interação com os outros frequentadores do baile pode trazer. A esse respeito, segundo Mendes *et al.* (2021, p. 5), “nesse regime, nenhuma regra é dada a priori. As regras de interação, ao contrário, emergem pouco a pouco, na e pela interação” — não obstante que, diferentemente do entendimento de Mendes *et al.* (2021), pode-se compreender que haveria menos

regras, sentindo-se o que se pode ou não fazer; assim, aquém da regulação, aparece o encontro com as possibilidades de ocorrência.

No final do primeiro salão, há um café, o único local que comercializa alimentos e bebidas não alcoólicas. Caso deseje, o frequentador pode, como opção, trazer o seu próprio lanche e consumi-lo sentado em uma das cadeiras. Mais uma vez, percebe-se a disposição instalada não apenas dos frequentadores, como também do espaço, feita pelos organizadores, de forma a priorizar a experiência estética e rítmica (Oliveira, 2004), dando prioridade absoluta para o dançar.

Para aqueles que estão interessados em conhecer o próximo salão, após o término do espaço do primeiro, há uma área vazada, na qual é possível sentar-se, seja para descansar, tomar um ar ou comer um lanche, seja para conversar com os novos ou “velhos” amigos. Nessa área, que é de aproximadamente um quinto do tamanho de um salão, as pessoas não dançam, mas, ao longo do baile, ela está sempre bem movimentada por pessoas que estão se deslocando de um salão para o outro ou passando um pouco de tempo lá. Por ser vazada, sua topologia é a de um espaço bem claro, iluminado e fresco, com mesinhas e cadeiras ocupando, de forma parcial, o local intensamente disputado.

O segundo salão tem o mesmo tamanho que o primeiro e a mesma disposição das cadeiras, que ficam nas laterais, encostadas nas paredes. A respeito delas, aliás, é interessante refletir sobre as pessoas que estão sentadas nas cadeiras ao redor do espaço de dança. Muitas vezes, trata-se de frequentadores que estão descansando entre uma dança e outra, conversando com seus amigos; ou são frequentadores que estão começando a ir ao baile, que ainda não têm um círculo amplo de amizades e que, assim, não encontram facilmente um par para dançar; ou mesmo podem ser aqueles que têm alguma dificuldade motora ou um constrangimento em se expor no ato de dançar. Vale a pena observá-los por alguns instantes e ver como as múltiplas interações acontecem. Pode-se notar que, lá, os idosos dançam ainda mais entusiasmadamente, pois, no final do salão, está a banda, que toca as músicas ao vivo cujo efeito de sentido é promover maior vivacidade e animação.

Nesse salão, há também uma grade próxima ao palco, que permite que as pessoas de fora apreciem o baile. Todos aqueles que são atraídos pela música e pela animação no local, quer já saibam da existência do baile ou não, têm a oportunidade de, por alguns instantes, apreciar a alegria e a agitação que está acontecendo todas as semanas. Apesar de a grade poder parecer uma forma de excluir o Outro que está do lado de fora, por ela permitir que a interação aconteça, ela convida os demais a participar da dança. Para alguns, é uma surpresa encontrar idosos que não têm receio de aparentar a sua idade e vivê-la com intensidade sem se preocupar em permanecer jovens para se identificar com um “Senhor Todo Mundo”, que Landowski (2012) postula como o Nós dominante do social que promove ser assimilado pelo Outro e ter uma vida desprovida de relações e sentido.

Os modos de vestir para a construção da aparência dos idosos no baile

O ato de se vestir para ir ao baile, dançar durante algumas horas com outros frequentadores e vivenciar a música ao vivo promove horas de descontração que constroem lembranças, ao mesmo tempo que promove estados de vida eufóricos. Com a ambiência da música, da dança e da possibilidade do autocuidado através do vestir, abre-se uma possibilidade de ressignificação da vida dos idosos, que por muitas vezes podem se sentir destituídos de sentido em seu viver — tornam-se, através da participação no baile, destinatários de si (Greimas; Courtés, 2021). Afinal, como escreveu Loiola (2021b, p. 198): “Não seria assim a velhice, o momento de um estado de graça, do simplesmente ser, livre de todas as exigências sociais”?

Diante do paradigma que é como se organiza o guarda-roupa de alguém, escolhe-se diariamente o que irá se vestir — ou seja, a sintagmática do *look* de cada pessoa. Em sincretismo da roupa com o corpo, constrói-se o sentido, em primeiro lugar, de quem fez essa escolha no universo de seu paradigma. Na interação do corpo vestido com os corpos vestidos de outras pessoas, outros sentidos se concretizam, pois é na interação social que são definidos. Quanto a isso, Greimas (2017, p. 83) reitera que “vestir-se é coisa séria e toda a inteligência sintagmática é empregada nesse ato: eis aí uma sequência de vida ‘vívida’, como uma sucessão ininterrupta de escolhas e que conduz pouco a pouco a construção de um objeto de valor”. Desse modo, o vestir-se é uma construção da visibilidade do sujeito que o posiciona no mundo social.

Muitos idosos deixam de experienciar essa aventura constante de construir sua identidade através da roupa, atividade que acontecia de forma muito mais frequente quando esses sujeitos eram jovens, quando se vestiam para trabalhar e para vivenciar atividades sociais na família ou a lazer — tudo isso é abandonado por muitos em idade avançada.

Para alguns idosos, com o fim da rotina programada ou dos encontros com intencionalidade de manter a família e os amigos interagindo, passa a existir o estigma de permanecer de pijama o dia inteiro. Esse “uniforme”, utilizado para ficar em casa, pode desencadear a rotina de não se ter mais autocuidado e ir da cama para a sala e da sala para o quarto. Essa forma de estabelecer a rotina faz com que a pessoa idosa perca suas referências e comece a ficar alienada em relação ao *zeitgest*, isto é, ao tempo em que se está vivendo. Perde, assim, referências importantes que eram pautados por diferentes formas de vestir, como dias da semana e finais de semana, datas comemorativas e férias, fazendo com que alguns idosos se distanciem do convívio social.

O corpo do idoso difere daquele de outras fases da vida, em especial do corpo jovem. Este último é muito valorado em nossa sociedade, relacionado com o belo e com o padrão pretendido, sendo assim possuidor de um valor eufórico; o oposto se dá com o corpo idoso, que é associado a valores disfóricos. Loiola (2021a, p. 93) apresenta como esse preconceito se manifesta: “o belo está na pele lisa, esticada e o feio são as rugas, as linhas

de expressão e as marcas da vida”. Repleto de marcas que o tempo impingiu, ele passa a ser coberto, protegido, por uma vergonha, um recato que socialmente é imposto ao idoso. Dessa maneira, as vestimentas são utilizadas como uma forma de blindá-lo do olhar reprovador dos demais. Para atender a essa prescrição, os idosos passam a utilizar roupas mais formais e opacas, que invisibilizam as silhuetas de seus corpos e os próprios sujeitos.

A essas prescrições impostas pela sociedade se somam aquelas que o próprio baile estabelece, como a utilização de sapatos formais, a proibição da utilização de saias curtas pelas mulheres, e assim por diante. O ambiente diverso e inclusivo do baile, ao se estender para os modos de vestir, subverte essa lógica. Os corpos ganham conotações distintas a partir da roupa utilizada; os idosos, em seus melhores trajes, desfilam entre um salão e outro para dançar, conhecer novos amigos e até mesmo começar um namoro. Apesar das regras sobre o modo de vestir, eles conseguem, de forma muito criativa, expressar suas identidades, afinal, como Eco (1989) coloca, o homem fala por meio das suas roupas. A oportunidade que o baile oferece aos frequentadores proporciona uma espécie de escapatória, como define Greimas, que, muitas vezes, estão oprimidos pelas normas sociais que lhes são impostas.

Para quem nunca visitou o baile, pode até parecer que os idosos irão desenvolver interações arriscadas durante o evento, visto que não estão em um local protegido e confinado, mas, sim, estão se aventurando, confraternizando, vivendo intensamente aqueles momentos. Aquelas alteridades estão celebrando a vida; naquele ambiente, eles são sujeitos inteiros que são admitidos, não se sentem excluídos nem segregados (Landowski, 2012). Eles se tornam o próprio grupo de referência, destinadores de si, identidades dominantes naquele espaço. A esse respeito, como explora Loiola (2021a, p. 100), “o envelhecer oferece essa possibilidade de tornar o indivíduo destinador de suas vontades. O vestir na velhice, compreendido a partir da construção de novos sentidos com o mundo no tempo presente, pode propiciar novos arranjos dos modos de ser e de estar”. Uma participante, com 83 anos de idade, destacou essa atenção e esse cuidado, que passam a ser algo que a identifica e a distingue daqueles que não vivenciam a experiência. Segundo ela:

Vir ao baile, além de ter esse encontro com pessoas que eu vejo há mais de 25 anos, faz com que eu queira continuar me cuidando. Eu ainda passo um tempo reinventando as minhas roupas, uma vez que eu fui costureira, para poder me vestir da melhor forma para o baile.

Ao analisar as interações entre corpo e roupa que ocorrem no baile através do vestir, percebe-se que são várias motivações que levam os idosos a optar por caminhos distintos para se expressarem através de sua aparência. Buscou-se, assim, elaborar uma abordagem abrangente, oferecida pelas contribuições da sociossemiótica (Landowski, 2014) e pelos simulacros da aparência (Oliveira, 2007), sobre a relação entre corpo e roupa dos sujeitos idosos que frequentam o baile. Nessa abordagem, não existe a pretensão de desenvolver uma

identidade visual para um sujeito, mas a intenção é fazer as análises para vislumbrar em qual constelação de tipo de interação e de sentido, como coloca Landowski (2014), o sujeito se situa, podendo ser naquela da prudência (programação e estratégia) ou da aventura (acidente e ajustamento). De acordo com Oliveira (2007), são quatro as interações através das quais esse encontro pode ocorrer: o vestir-se com fins práticos na programação; o vestir-se pela roupa no acidente; o vestir-se com fins simbólicos na estratégia; e, finalmente, o vestir-se para si, no ajustamento (quadro 1).

Quadro 1: Tipologia das relações do corpo vestido.

<i>Vestir-se com fins práticos</i> Regime da Programação Fundado na regularidade Cumprimento das prescrições	<i>Vestir-se pela roupa</i> Regime do Acidente Fundado na aleatoriedade Destaque para a roupa
<i>Vestir-se com fins simbólicos</i> Regime da Estratégia Fundado na intencionalidade Corpo e roupa como <i>status</i> social	<i>Vestir-se para si</i> Regime do Ajustamento Fundado na sensibilidade Integração corpo e roupa

Fonte: Adaptado de Oliveira, 2007.

Em primeiro lugar, emerge o regime da programação, representado pelo vestir-se com fins práticos — é aquele idoso que se veste de acordo com as prescrições estabelecidas pelo baile. A roupa para esse sujeito tem uma funcionalidade, como a de proteger o corpo e recobrir a nudez. Aqui não há destaque de um sobre o outro. A esse respeito, segundo Loiola (2021a, p. 95), “sobre o vestir na velhice, o que é programado e esperado na sociedade, embora existam sinais de mudanças sutis e progressivas, é a regularidade de um dever ser mais comportado nessa fase da vida, um dever ser menos audacioso e aventureiro nas cores e nas modelagens das roupas”.



Figura 1: Casal dançando no primeiro salão. Sugere-se que a aparência estabelecida pela interação entre corpo e roupa situa-se no regime de programação.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2024.

A segunda possibilidade apresenta o vestir-se pela roupa, que ocorre sob o regime do acidente. Neste, é através da roupa que o corpo aparece. O idoso pode vestir-se de forma inusitada e disruptiva, construindo sentido para si e para os demais frequentadores ao usar roupas e adereços customizados, que se afastam do convencional, além de efetivamente colocar sua identidade nos visuais com que vai ao baile. Nesse regime, a invisibilidade não existe — a aparência exuberante e o idoso são vistos através da roupa. Para Duhigg (2016, p. 263), “a vida dos idosos pode mudar se eles aprenderem a se tornar subversivos”.

É uma ruptura com o olhar aplicado fora do espaço do baile, por meio do qual as pessoas estão permanentemente se comparando com certo tipo ideal (Weber, 2015), que representa o grupo de referência ao qual muitos aspiram estar — ou seja, alguém jovem, produtivo, vigoroso, com prestigiosas relações sociais, sólidas condições econômicas, que se veste em conformidade com os padrões de bom e mau gosto estabelecidos pela sociedade. A iniciativa que muitos tomam de se vestir de maneira não convencional coloca os idosos, através do seu vestuário, na constelação da aventura; assim, por não estarem tão preocupados em atender ao simulacro do idoso, constroem sentido através da diferença. Para Landowski (2014, p. 69):

[...] pode-se tentar adotar, do interior, a perspectiva de um sujeito que está vivendo sua própria história e que, ignorando por milagre os modelos instituídos em circulação no seu entorno, ou conseguindo liberar-se deles, procuraria bravamente descobrir por si mesmo um sentido — uma significação e uma orientação — para seu próprio percurso de vida, visto a partir de um dos pontos pelos quais transita.

Figura 2: Frequentadora do baile vestindo um *look* que utiliza repertório próprio para afirmar sua identidade criativa e exuberante.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2023.

Em seguida, pode ocorrer o vestir-se com fins simbólicos através da estratégia. Aqui, intencionalmente, o sujeito idoso veste a roupa de forma que esta mostre seu corpo, realce as partes que lhe interessam, que lhe são favoráveis. Dessa forma, ele procura causar uma determinada impressão nos demais frequentadores. Para Loiola (2021b), nesse caso, o idoso escolhe estrategicamente *looks* que destacam pontos que ele julga positivos acerca do seu corpo e que disfarçam outros que não considera favoráveis. Para causar essa impressão, ele vai utilizar vestimentas, acessórios e maquiagem. Ele pode vestir cores vibrantes nas roupas e nos acessórios, assim como cortes mais justos na intencionalidade de evidenciar o corpo e parecer mais jovem, enquanto a maquiagem vai ser utilizada para minimizar as rugas e outras marcas do tempo. Como disse uma das frequentadoras, de 72 anos de idade:

Nos dias em que eu venho para o baile, eu demoro quatro horas para me arrumar. Eu começo a me arrumar às 9:00 e só saio para o baile depois de lavar e secar meu cabelo, passar creme no corpo, colocar maquiagem e escolher a roupa ideal para o dia. Isso pode demorar muito, pois eu coloco em cima da cama as opções e passo um bom tempo escolhendo o que vou vestir. Eu acho um absurdo quando uma pessoa não está vestindo uma roupa limpa e bem passada. Não gosto de um homem que não tem zelo pela sua roupa e sua aparência.

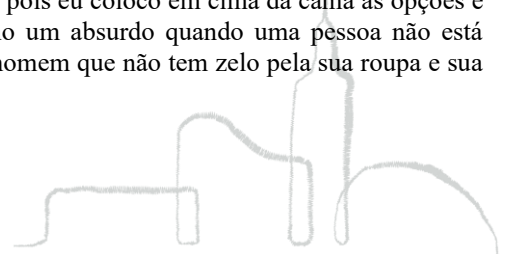
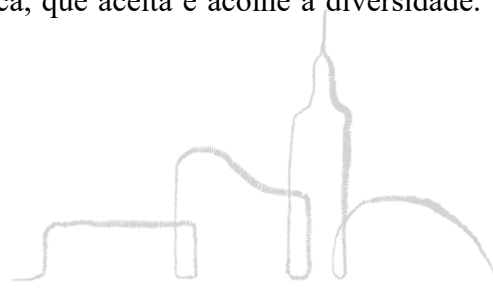


Figura 3: Frequentadora utiliza vestido com o corte que evidencia a cintura e valoriza as curvas do seu corpo. Sua roupa tem cores vibrantes, que dão uma aparência jovem.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2024.

Finalmente, no regime de ajustamento, que rege o vestir-se para si, o sujeito dotado de muito conhecimento de sua identidade veste a roupa para si mesmo. Nesse caso, o idoso tem liberdade de se expressar através de sua vestimenta, não há uma imposição da roupa sobre o sujeito e vice-versa. O que existe é uma perfeita união e congruência entre sujeito e a roupa. A vestimenta, no regime do ajustamento, confere dignidade e movimento aos idosos, permite que eles dançam e celebrem a vida. Isto porque eles estão utilizando suas roupas com liberdade para expressar seus estilos de vida, há um sentimento de valor que a roupa confere à imagem do indivíduo (Motta; Rabello, 2021), que tem a oportunidade de colocar uma roupa especial para uma ocasião (o baile) também especial. O baile oferece esta oportunidade de o idoso que o frequenta não apenas deixar de se comparar com o Senhor Todo Mundo, que mobiliza a sociedade convencional, como também de criar e participar de um novo grupo de referência, que existe de uma forma mais inclusiva e democrática, que aceita e acolhe a diversidade. Como disse uma das frequentadoras:



Eu me aposentei como costureira e sempre costurei os meus próprios vestidos. Gosto muito de me vestir bem e faço peças que me fazem sentir muito bem. Quando há ocasiões especiais, como uma festa junina, costuro meu vestido para que eu esteja preparada para o evento. Tenho muito orgulho do resultado, fico muito bem.

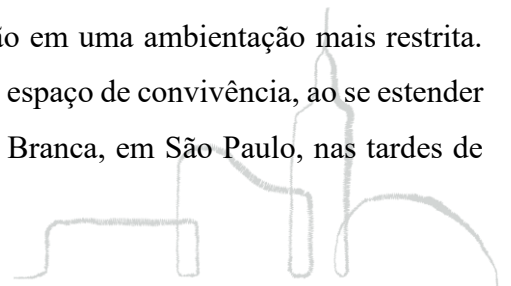
Figura 4: Frequentadora do baile com liberdade de uso de trajes de cores vibrantes. Utiliza também acessórios que compõem esse cromatismo alegre e jovial e faz com que ela se distancie das prescrições preestabelecidas para uma senhora de mais de 80 anos.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2024.

Considerações finais

Muitos idosos deixam de experimentar a aventura de construir suas identidades por meio de seu arranjo vestimentar, atividade que antes acontecia de forma muito mais frequente quando esses sujeitos eram jovens, quando se vestiam para os compromissos de trabalho. Esse ato de escolha do vestir, um assumir-se, é abandonado por muitos em idade avançada. O corpo do idoso, repleto de marcas que o tempo impingiu, passa a ser encoberto por vergonha e recato que o social propaga como o que cabe ao idoso. Dessa maneira, as vestimentas são utilizadas como uma estratégia de blindá-lo do olhar reprovador dos demais. Para atender a essa prescrição, os idosos passam a utilizar roupas mais formais e opacas, tanto para não chamarem a atenção quanto para invisibilizarem a silhueta de seus corpos e os próprios sujeitos que passam a ter sua atuação em uma ambientação mais restrita. Porém, o ambiente diverso e inclusivo do baile, com sua musicalidade e seu espaço de convivência, ao se estender para os modos de vestir, subverte essa lógica. Assim, no Parque da Água Branca, em São Paulo, nas tardes de



terça e quinta-feira e de sábado, os corpos ganham sentidos distintos, o que muito se deve pelo arranjo vestimentar que os frequentadores adotam. Por horas marcadas, o baile, o encontro de pessoas, promove uma escapatória da rotina, e as interações entre idosos que se locomovem de regiões distintas da Pauliceia para esse estar em companhia, dançar com música ao vivo e cantar com grupo afetam as pessoas idosas a ponto de hipotetizar que esse estar junto para dançar no baile devolve sentidos adormecidos a esses corpos que se manifestam na aparência dos corpos vestidos e nos modos de sociabilizar-se.

A impressão é que os frequentadores do baile, por sua vez, sabem que não há vida sem todos os riscos que lhes possam ocorrer, mas, mesmo diante dessas possibilidades, eles não se comportam como vítimas. Os noticiários sensacionalistas, que todos os dias mostram a cidade como um campo constante de guerra, que trazem a sensação de que nela viver é impraticável, não os paralisam. Todos os riscos e dificuldades que uma pessoa idosa pode sofrer ao se deslocar pelo transporte público, desde a periferia até a região central de São Paulo na qual o baile acontece, são enfrentados com bravura e aceitação. Eles sabem que o encontro para dançar junto não pode ser experimentado através da intervenção de nenhuma mediação: ele só pode acontecer na e pela experiência do ato. Ao se deslocarem para viver esse encontro, participam de experiências nada programadas que ressignificam o viver desgastante desses idosos.

O encontro entre o corpo e a roupa, obtido através de *looks* repletos de significado, que são criados para expressão de suas identidades e interação com os outros, é uma maneira com que esses idosos se tornam destinadores de si. Muitos, que em outros ambientes podem ser alteridades que são segregadas pelo restante da sociedade, no baile passam a formar o grupo de referência, construtores do sentido de suas próprias vidas, expressando a sua totalidade através de estratégias originais e repletas de sensibilidade. A música, a dança, a vestimenta e o estar no *Baile da Melhor Idade* participam da construção da identidade e do sentido das pessoas idosas.

Por fim, fato é que o mundo e o Brasil estão envelhecendo. Não cabe mais o preconceito em relação ao idoso, manifesto no etarismo que ocorre em diversas instâncias, inclusive na vestimenta. Não é possível seguir prescrevendo o que um idoso deve vestir ou não. Essa possibilidade de escolha da vestimenta presente no *Baile da Melhor Idade* é um exemplo que pode servir de inspiração e referência. Se queremos entender e conviver de forma harmoniosa com esse público mais maduro, pesquisas para aproximá-los e integrá-los com o restante da população — e, assim, promover diálogos intergeracionais — são mais necessárias do que nunca.

Referências

BRECHT, B. **Teatro dialético**. Tradução: Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.



DUHIGG, C. **Mais rápido e melhor**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

ECO, U. **Psicologia do vestir**. Tradução: José Colaço. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução: Ana Cláudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Editora do CPS, 2017.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

LANDOWSKI, E. **Presenças do Outro**. Ensaios sociosemióticos II. Tradução: Mary Amazonas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Tradução: Luísa Helena de Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LOIOLA, R. F. Análise sociosemiótica dos modos de vestir na velhice. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], n. 31, p. 88-102, 2021a. DOI: 10.26563/dobras.i31.1290. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1290>. Acesso em: 22 set. 2023.

LOIOLA, R. F. Narrativas de busca de si para re(construção) da identidade na terceira idade. In: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Sociosemiótica I: moda, consumo e construção de imagem**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021b. p. 185-210.

MAGALHÃES, G. Memória: Parque da Água Branca era fundado há 92 anos. **Gazeta de S.Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2021. Notícias. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/noticias/memoria-parque-da-agua-branca-era-fundado-sao-92-anos/1090512/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MENDES, C. M. *et al.* A midiaticização e suas lógicas: análise de casos à luz dos regimes de interação e sentido. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e-94707, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.94707>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/94707/60978/463665>. Acesso em: 20 set. 2023.

MOTTA, S.; RABELLO, L. **Quarentena sem Pijama: o poder das roupas sobre a autoimagem e a produtividade**. São Paulo: Editora Labrador, 2021. 128 p.

OLIVEIRA, A. C. de. As semioses pictóricas. In: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2004. p. 115-158.

OLIVEIRA, A. C. de. Nas interações corpo e moda, os simulacros. In: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 13., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Documentos do Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2007.

TRIPOLI, R. Sobre nós. **Instituto da Melhor Idade Estação Vida**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.ricardotripoli.com.br/estacaovida>. Acesso em: 30 maio 2023.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. 4. reimp. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2015.

